

DE VOLTA PARA O PASSADO

Alex Franco

[Artista gráfico]

São Paulo, 31 de dezembro de 1991

Olá Rafael, como estão as coisas? Já que não lhe desejei feliz Natal, ficam aqui meus votos de um excelente 92, apesar do Collor.

Primeiramente quero externar minha alegria pelo nosso reencontro no mês passado, na comemoração dos dez anos de formatura.

Pena que, como sempre acontece nesses eventos, houve muita dispersão tornando quase impossível conversas mais profundas.

A partir daí, como diria nosso caro amigo Chico, "*eu quis até telefonar, mas a tarifa não tem graça*". Por isso resolvi recorrer ao bom e velho Correio para que possamos manter nosso vínculo.

Há poucos dias, comemoramos aqui em casa o primeiro aniversário do Caio, a experiência de ser pai é ao mesmo tempo maravilhosa e assustadora. Talvez essa reflexão, aliada à preocupação com o futuro do meu filho, tenha provocado em mim um sonho muito estranho e como ele, de certa forma, se conecta com a nossa reunião, resolvi contá-lo a você. O devaneio gira em torno da comemoração de nossa turma pelos quarenta anos de formatura, louco não? De repente eu estava em 2021 e novamente conectado aos colegas de faculdade.

Só que aí surge uma situação tão estranha que, somente num sonho ou pesadelo, se poderia admitir. Imagine que a conexão da turma não se deu por carta ou telefone e sim por um programa de computador com um nome esquisito, algo como zap zap ou uatizapi, sei lá.

Fato é que lá no futuro todas as pessoas utilizariam este sistema para se comunicar e a conexão seria feita por meio de um aparelho chamado smartphone, uma espécie de computador de bolso, a princípio um telefone móvel, só que capaz de extrapolar em muito, sua função primária. O dispositivo poderia enviar e receber textos e imagens, tirar fotografias, gravar vídeos e até realizar conversas ao vivo com imagens, como acontecia no desenho dos Jetsons, lembra?

Tudo isso através de ondas de um invento denominado internet, uma espécie de aprimoramento das transmissões televisivas.

A essa altura você deve estar imaginando o quão maravilhoso deverá ser o futuro se isso vier mesmo a acontecer, certo? Pior que não, agora vem a parte ruim. Neste futuro, que eu classifico como distópico, embora todos nós, colegas de turma, pudéssemos nos comunicar facilmente, por voz, texto e até imagens, estávamos impedidos de nos encontrarmos pessoalmente porque o planeta passava por uma pandemia. Um vírus fatal com altíssimo poder destrutivo e de fácil transmissão começara, um ano antes, a se espalhar e matar milhares de pessoas mundo afora, obrigando todos a permanecerem isolados. É verdade que nem todos puderam se proteger em suas casas, os profissionais de serviços essenciais como os da área da saúde, abastecimento e outros, permaneciam no front, arriscando literalmente a própria vida para manter a segurança dos demais. Acha pouco?

Nesse mundo distópico o Brasil estava sendo governado por um "ditador-eleito". Só mesmo em sonho, né? O nome dele era Messias, incrível como a ironia me acompanha até mesmo nos sonhos.

A verdade é que o sujeito havia sido alçado ao poder impulsionado por fraudes e conspirações. Oriundo do exército, era um verdadeiro profotascista, uma espécie de Mussolini / Hitler do século 21, que, mesmo estando envolvido com matadores de aluguel, de ser declaradamente racista e machista, de fazer apologia à tortura e ao estupro, além de outras 'qualidades', obteve enorme votação manipulando grande parte da opinião pública brasileira.

Eis que nesse cenário caótico, o cara passa a agir a favor da pandemia. Primeiramente menospreza os efeitos da doença, classificando-a de gripezinha, depois tenta proibir as pessoas de permanecerem em quarentena. Se isso não bastasse, passa a divulgar que a doença pode ser curada com o uso de um vermífugo.

Então, quando finalmente surge a vacina contra o tal vírus, ele inicialmente a ignora deixando de adquirir as doses necessárias e depois passa a boicotá-la, criando empecilhos à vacinação a ponto de multiplicar exponencialmente o número de mortes no Brasil.

Então, caro amigo, é ou não é distópico? Calma que piora, aquele tal zap zap permitia aos usuários criar grupos com vários participantes, uma espécie de mural de escola onde todos poderiam manifestar suas ideias e opiniões, além de trocarem fotos, vídeos e mensagens de todos os tipos. Desta forma foi criado um grupo entre nós, os colegas da turma de 1981. No início tudo era festa, a retomada dos afetos, cada um falando de suas experiências profissionais e pessoais, acontecimentos marcantes, recordações anedóticas dos velhos tempos etc.

Enviávamos fotos de nós mesmos envelhecidos, muito engraçado.

Só que à medida que o tempo passava, fui aos poucos percebendo que muitos de nossos colegas não eram apenas eleitores, mas também apoiadores do tal Messias. Eles e elas estavam fanatizados em torno da demoníaca figura que era escancaradamente fascista... uma tristeza infinita se acerrou de mim. Havia também alguns que não se posicionavam e, pasme, apenas cinco de nós, resistíamos ao cenário de barbárie desse enredo dantesco. Felizmente você estava neste time, além de mim, da Jorgina, do Aylton e do Sérgio de Paula.

Não consigo definir exatamente o desfecho da situação que permanece mal parada em minha memória sobre este pesadelo. Só sei que acordei muito assustado e só me refiz quando lembrei de outra passagem deste mesmo sonho onde, em uma copa do mundo que teria ocorrido aqui mesmo no Brasil, a Alemanha nos havia eliminado da disputa com uma sonora goleada por 7X1. Foi então que percebi que não existe a menor possibilidade desse pesadelo se concretizar. Grande abraço, Alex.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.